

Nietzsche como transgressor da imanência: a potência do acaso

Renato Nunes Bittencourt*

BATAILLE, Georges. *Sobre Nietzsche: Vontade de Chance*. Trad. de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

A recepção brasileira da obra de Georges Bataille conquista mais uma vitória editorial no processo de consolidação dos estudos do pensador francês por aqui: a tradução de *Sobre Nietzsche: Vontade de Chance* (e textos correlatos sobre a filosofia nietzschiana) pelo empreendimento de Fernando Scheibe, acolhido pela Editora Autêntica.

A interpretação da obra de Nietzsche empreendida por Georges Bataille contribuiu de maneira bastante especial para a desmistificação do legado do filósofo alemão acerca de suas pretensas associações com o antissemitismo e com a necrofilia nazifascista, perspectiva defendida, *horresco referens*, por Lukács em suas interpretações marxistas sobre a obra nietzschiana como precursora dessa barbárie. No oitocentismo europeu ocorre a exacerbação do espírito nacionalista, do chauvinismo, do militarismo expansionista. Ora, Nietzsche não se deixou contaminar por essa tacanhez axiológica, valorizando, muito pelo contrário, um cosmopolitismo cultural para além do enraizamento pessoal ao torrão natal. Em uma época na qual o antissemitismo era não apenas uma atitude usual entre diversos segmentos da intelligentsia europeia, mas até mesmo um passaporte requintado para o sucesso nos grandes círculos sociopolíticos, Nietzsche se contrapôs, podemos dizer, fisiologicamente a tal imbecilidade, inclusive desmanchando importantes amizades por conta de sua firmeza de caráter. Por conseguinte, imputar a Nietzsche condescendência em relação a essas abominações é uma vilania descarada, e Bataille, em seu escrito, evidencia nitidamente a idoneidade intelectual de Nietzsche, suprimindo, assim, qualquer possibilidade de se associar o pensamento nietzschiano ao projeto hitlerista. O nazifascismo é o culto da morte pela morte, da destruição, a negação da alteridade, dispositivos completamente adversos ao pensamento nietzschiano, promotor da potência de viver como signo da afirmação da vida em seus encontros conflitantes e criativos com a realidade externa, jamais como a negação incondicional desta. O fascista odeia a vida e por isso faz de sua prática uma

* Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ/Professor da FACC-UFRJ. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Contato: renatonunesbittencourt@gmail.com

ruptura doentia com a mesma, glorificando a destruição e a morte pelo fato de que, intrinsecamente impotente e incapaz de criar, espelha na realidade externa sua própria miséria interior, empreendendo todos os meios para fazer do mundo um espaço de desolação e de silêncio sepulcral.

Alguns conceitos cruciais estabelecem a conexão entre Nietzsche e Bataille. A imanência como uma ontologia da realidade é o princípio dessa filosofia da potência, pois a adesão ao real sem qualquer fuga ou velamento expressa o seu inevitável caráter trágico, em suas contradições, tensões e dores. A imanência expressa a adesão ao corpo, à carne, não apenas por sua materialidade ou por sua instância fisiológica, mas por sua singularidade estética na percepção, na interpretação da realidade e na formação etológica do modo de ser da pessoa em sua existência única. A transgressão como a tônica dionisíaca que rompe os frágeis limites da individuação, apresentando a vida em sua beleza crua, plena de embriaguez. A afirmação da vida criativa ocorre na miríade de possibilidades, sem um destino certo para o sujeito. O erotismo surge como a afirmação da vida mesmo na morte, pois, ao se afirmar o desejo, não raro o sujeito se joga no devir que acarreta sua própria dissolução. Essa imersão na dimensão trágica é o que afasta a experiência dionisíaca do filisteu, incapaz de sair de sua realidade autocentrada e vulgar, por medo de viver, por medo de amar. Da mesma maneira, o homem racionalista, preso na cadeia da lógica, não compreende a intensidade da vida que se situa além dos conceitos. O erotismo é a experiência genuinamente transgressora, pois apresenta a superação pessoal em sua fusão com o outro e com o mundo. No erotismo, o ser humano visa se comunicar com o outro para além da lógica das palavras, o corpo se transforma na produção semiótica pura.

A transgressão é uma das ideias incisivas de Bataille, constituindo-se como uma ética da singularidade pessoal perante a ordem do mundo. Por isso, mais uma vez, a conexão com Nietzsche, pois este, com sua intensa mordacidade contra a civilização do ressentimento e sua moral de rebanho se coloca para além de toda moral ao apresentar a metáfora da Morte de Deus, que não apenas é uma ruptura com a ordem teológica e teleológica de mundo, mas também com os fundamentos da sociedade administrada, laicizada apenas em sua superfície, mas dependente ainda do estofamento moral que constituiu a estrutura ideológica da civilização ocidental. Com efeito, o evento da Morte de Deus produz o niilismo naquele que não consegue viver sem a sombra autoritária da norma religiosa e exige assim um substitutivo conveniente para tal papel. Por ser transgressão, ocorre uma relação paradoxal com o sagrado: este não é a pureza ascética,

mas a absorção do dito impuro, do “pecado”, na essência do divino. Esse processo é dionisíaco, pois a desmedida do ato que rompe com os limites normativos da moral representa o salto que conecta o sujeito com a dimensão recôndita na qual ele jamais alcançaria seguindo piedosamente as regras rigorosas. O homem somente se santifica ao pecar, isto é, ao transgredir os imperativos heterônomos que constituem a frígida regulação moral da religiosidade ascética. Decorre daí a legitimidade axiológica do “mal”, pois ele significa o salto transgressor que singulariza o sujeito. Em verdade, a afirmação do pecado significa a construção de uma ética para além de qualquer cerceamento moral, o resgate da inocência originária. Por isso há as imprecisões de Nietzsche e de Bataille contra os ascetas, os monges, todos aqueles que fazem da negação da sexualidade e do erotismo sua forma de vida. Para Bataille, renunciar ao mundo, à chance, à contingência, ao acaso, ao intensivo, à verdade dos corpos, deveria ser motivo de vergonha, esse é o pecado mais pesado. O espírito de gravidade, repleto do peso da moral, não vive efetivamente e, tanto pior, impede que outrem viva.

A vontade de chance significa a afirmação do acaso como a verdadeira potência criativa da pessoa em sua aterradora contingência, desprovido de teleologia e de qualquer providência que oriente a vida rumo ao caminho do progresso e da salvação. Em um mundo sem transcendência, reconhecer a incerteza do devir como elemento indissociável da existência expressa a capacidade singular de se colocar para além de qualquer valoração moral, e isso é uma maneira de se viver o trágico. A vontade de potência não se realiza como mero domínio sobre outrem mediante o exercício da violência, tal como interpretações imprecisas sobre a obra de Nietzsche postulam, associando-a inadequadamente ao militarismo, ao autoritarismo e ao fascismo. Tampouco a vontade de potência significa somente uma expansão desenfreada das forças vitais em prol da assimilação de energia e da contínua construção pessoal, pois tal concepção poderia talvez pressupor uma finalidade em tal processo, o que lhe daria uma dimensão metafísica. A vontade de potência pressupõe a vontade de chance, de sorte, de acaso, pois assim expõe o caráter espontâneo do sujeito em sua composição existencial e sua assimilação das forças criativas do mundo, para além de qualquer disposição reativa ou sectária. Ao reconhecer a ludicidade da vida, o homem trágico aglomera em seu interior todas as contradições possíveis, negando, assim, a metafísica da identidade. A pessoa consegue ser tudo simultaneamente, colocando-se para além das amarras cronológicas da temporalidade comum. Aqui, a referência ao pensamento de Heráclito é inevitável. O jogo da criança do devir que modifica tudo sem qualquer

imputação moral, mas por pura necessidade cosmológica de transformação da realidade. Daí também a importância do Zarathustra de Nietzsche, que expressa a potência do devir como filosofia da imanência que reconhece o devir como o elemento criativo implacável, irrefreável, incontrolável pela ação humana. Zarathustra revela um mundo onde só o jogo é soberano, onde a servidão do trabalho é denunciada, eis, assim, a dimensão da tragédia, a encarnação do inconciliável. O jogo é a possibilidade de se manipular as configurações existenciais sem as prisões da norma, a fixidez que emperra o movimento, o novo, a gravidez de vida.

Bataille é um pensador que exige profunda concentração no ato de leitura do seu texto, pois sua escrita se configura em um estilo muitas vezes hermético, e tal procedimento, cabe ressaltar, faz todo o sentido no conjunto de sua obra. Bataille não está comprometido com a narrativa técnico-científica ou com os formalismos da vida acadêmica, circunstância que lhe permite usar o modelo ensaístico como modo de expressão e dar vazão aos seus conflitos interiores. Contudo, isso não significa ausência de erudição crítica desse pensador. Um estudo aprofundado do conjunto de sua obra nos permite constatar o quanto Bataille era rigorosamente conhecedor da trajetória filosófico-literária moderna, assim como das condições políticas de um mundo em ebulição com três grandes forças antagônicas que se enfrentavam (o liberalismo, o nazifascismo e o comunismo). Bataille é um dos casos especiais em que o filósofo consegue se expressar com a marca literária, herança de sua trajetória como romancista – da transgressão, na qual o erotismo qualifica a corporeidade como a instância decisória para a afirmação do acaso e da contingência.

Sobre Nietzsche: vontade de chance se apresenta como uma espécie de diário intimista de um filósofo inquieto perante a loucura de um mundo em destruição (a 2ª Guerra Mundial) e a necrofilia do nazismo que, apesar de sua irracionalidade constituinte, possuía uma estruturação tecnocrática capaz de realizar seu projeto mortífero. Os campos de concentração representam a culminação da sociedade administrada, empregando tanto os dispositivos disciplinares do panoptismo como as técnicas tayloristas. Na grande doença do mundo moderno, a exaltação do erotismo é, talvez, para Bataille, uma saída contra a barbárie, já que a esperança messiânica de salvação pela política se configura como desencanto social. O erotismo é, então, o ato político que coloca em pauta a anarquia criadora dos instintos integrados ao devir do jogo cósmico.

Tivemos poetas malditos, temos também filósofos malditos. Nietzsche e Bataille são alguns deles, não apenas por terem pensado para além das fronteiras formalistas da vida acadêmica, mas pela ousadia de pensarem e de criarem experiências filosóficas que afirmam a pulsão dionisíaca em um mundo que se configura como a sua mais virulenta negação, a sociedade administrada, no fundo, um cristianismo laico que metamorfoseou as antigas tábuas morais da lei em paradigmas mercadológicos de produtividade, eficiência, disciplina, elementos muito convenientes ao capitalismo como uma religião autofágica e unidimensional, que encontra na necrofilia fascista a sua força destrutiva correlata. A vontade de chance é uma ética transgressora que estimula um gerenciamento do corpo, dos seus afetos e dos seus encontros fortuitos como uma emancipação da decadência burguesa e sua triste ciência.

Recebido em 06/12/2017

Aprovado em 10/04/2018